

A AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE ECOLÓGICA EM REMÍGIO, PB, BRASIL: UM ESTUDO SOBRE SABERES, PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E INOVAÇÃO

Alexandra Leite de Farias¹
Janice Rodrigues Placeres Borges²

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre produção de conhecimento e inovação entre os agricultores familiares sindicalizados do município de Remígio, PB, pertencente ao chamado Polo da Borborema – uma rede de sindicatos de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais. O referido Polo vem praticando inovação na agricultura de base ecológica e com ênfase nas relações sociais existentes, no conhecimento e saberes locais. Assim, optou-se pelo estudo de caso e pela abordagem qualitativa. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com agricultores familiares. Os principais resultados indicam que a agricultura ecológica praticada no município de Remígio é um avançado processo de desenvolvimento local e particular. O aspecto local e particular refere-se à importância de proporcionar inovação a partir da experimentação e da necessidade de cada agricultor, respeitando a sua particularidade e saberes, reafirmando e valorizando as identidades desses agricultores.

Palavras-chave: Agroecologia, Produção do Conhecimento, Inovação.

ECOLOGICAL FAMILY AGRICULTURE HELD IN REMÍGIO, PB, BRAZIL: A STUDY ABOUT KNOWLEDGE PRODUCTION AND INNOVATION

ABSTRACT

This article seeks to reflect on innovation and knowledge production among unionized family farmers in the municipality of Remígio, PB, belonging to the so-called Borborema Pole – a network of workers' unions and rural workers. The said Polo has been practicing innovation in ecological-based agriculture and with an emphasis on existing social relations, knowledge and local knowledge. Thus, we opted for the case study and the qualitative approach. Data were collected through semi-structured interviews conducted with technicians and farmers. The main results indicate that ecological agriculture practiced in the municipality of Remígio is an advanced process of local and private development. The local and particular aspect refers to the important characteristic that is the aspect of providing innovation from the experimentation and need of each farmer, respecting their particularity and knowledge, reaffirming and valuing identities farmers.

Keywords: Agroecology, Knowledge Production, Innovation.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, introduzida numa conjuntura moderna, a fundamentação da inovação na agricultura conclui dois aspectos elementares e correlacionados. Em primeiro lugar, uma visão de que a transformação deve ser condicionada às modificações nos elementos de produção, ou seja, elementos usuais foram substituídos por modernos, como insumos e máquinas. Em segundo, uma idealização linear, na qual as inovações e a produção de conhecimento são elaboradas

¹ Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural. PPGADR/Universidade Federal de São Carlos. E-mail: farias.al@yahoo.com.br

² Professora e Pesquisadora no Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de São Carlos. E-mail: janice@ufscar.br

extrinsecamente e trespassadas às esferas produtivas. A institucionalização da produção de conhecimentos e da inovação também ocorreu, historicamente, na agricultura, com projetos e políticas de modernização do setor. Por meio de uma potente integração e de uma política intervencionista coordenada pelo Estado, no geral em nível nacional, de organismos públicos de pesquisa, ensino e extensão, a agricultura foi modernizada e integrada a projetos desenvolvimentistas da economia dos países em desenvolvimento (Brunori *et al.*, 2008).

Não obstante os esforços públicos e privados para que a modernização fosse vastamente institucionalizada no mundo rural e na produção agrícola, até então, é possível afirmar a existência de uma enorme diversidade nas formas de praticar agricultura e de produzir, nesta, conhecimentos e inovações (Oliveira, 2014).

Esta diversidade se configura como resultado do papel ativo que os agricultores podem assumir nos processos de produção, através do conhecimento que acumulam e das decisões que tomam isso condigno pela capacidade de resistência camponesa. Neste enquadramento, em várias partes do país e do mundo, agricultores planejam e concebem caminhos alternativos àqueles induzidos pelas políticas modernizantes (Ploeg, 2008).

Tais pluralidades dão origem aos movimentos de contrariedade ao modelo desenvolvimentista agrícola introduzido no Brasil, que direcionam suas críticas aos impactos sociais do modelo agrícola, contraditando alguns dilemas, como a exorbitante concentração da posse da terra e das riquezas concebidas, os impetuosos processos de deslocamento para grandes cidades em processo de industrialização e a exacerbação das dessemelhanças entre regiões do país.

É no núcleo desse movimento de denegação socioambiental que as primeiras práticas de agricultura alternativa passam a ser enraizadas no Brasil, o que mais tarde, nos anos 90, partiria da ideia inicial conceitual de agricultura alternativa para ser chamada de agroecologia e de transição agroecológica.

Neste sentido, este estudo analisa as experiências vividas pelos agricultores familiares do agreste paraibano, uma vez que, pontualmente nesse expressivo momento de resistência, foi-se construindo uma identidade de agricultura camponesa³, sindicatos, associações comunitárias, serviços pastorais e organizações de apoio aos agricultores, construindo uma teia que estabelece o apoio a novos padrões técnicos, organizativos, e de intervenção política para o fortalecimento da agricultura familiar.

Diante desse contexto, no início dos anos 1990, nascia um novo modelo sindical, por meio da ação de três sindicatos de trabalhadores rurais com assessoria da ‘Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA)’ com desafio de conectar pautas de luta a realidade e às motivações concretas da numerosa e diversificada agricultura familiar do território. O que mais

tarde forneceria as condições políticas para o surgimento do Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema.

Este artigo busca refletir sobre a inovação e a produção de conhecimento entre os agricultores familiares sindicalizados do município de Remígio, PB, pertencente ao chamado Polo da Borborema – uma rede de sindicatos de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais, produtores de alimentos orgânicos. Ele deriva de pesquisa empírica realizada entre 2017 e 2018. As informações foram obtidas por meio de levantamento bibliográfico e documental, de observações diretas e de entrevistas semiestruturadas realizadas com 20 agricultores familiares do município. A reflexão foi feita por meio de triangulação das fontes.

INOVAÇÃO E TRANSIÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NOS MUNICÍPIOS PERTENCENTES AO POLO DA BORBOREMA

O planalto da Borborema é marcado pela eminente concentração da agricultura familiar, marcando a paisagem regional e delimitando as peculiaridades fisiográficas, ecológicas e socioeconômicas da região.

No ano 1996, com o esforço e junção de três sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais dos municípios de Remígio, Solânea, e Lagoa Seca, nasce o Polo da Borborema, no entanto já se tinha uma ação da AS-PTA. O trabalho do Polo germina de uma demanda das famílias e dos sindicatos que viviam isolados uns dos outros, sendo iniciado pelos próprios agricultores e por incentivadores e motivadores dos diversos movimentos sociais que atuavam no território. Assessorados pela AS-PTA, os pioneiros desse processo colocaram o desafio de buscar estratégias inovadoras de ação, capazes de gerar dinâmicas socio-organizativas na construção de um projeto coletivo, baseando-se no fortalecimento da mesma, o que antes eram lutas, até então, genéricas e sob forte influência do movimento sindical nacional, passa a ser um impulso concreto para ações diretas e reais nas mais diversas heterogeneidades da agricultura familiar do território.

A área foi aos poucos se tornando uma das mais organizadas do semiárido nordestino, porque várias práticas e alternativas visando à sustentabilidade foram constantemente desenvolvidas e adaptadas à região, objetivando uma transição sustentável dos agroecossistemas regionais, atrelada à organização local de agricultores familiares e desenvolvimento local.

O Polo da Borborema reintegra e atualiza uma extensa tradição de resistências sociais que se compõem como respostas ativas a conjunturas econômicas e políticas adversas à agricultura camponesa. Constitui uma rede de sindicatos de trabalhadoras e trabalhadores rurais, uma organização regional de agricultores ecológicos e cerca de 150 associações comunitárias, que vêm apoiando redes locais de inovação agroecológica e articulam mais de cinco mil famílias agricultoras dos municípios que conformam o Território da Borborema (Silveira; Freire; Diniz, 2010).

Essas resistências aconteceram de variadas maneiras pelos camponeses, que os levaram a ganhar espaços nos mercados e feiras locais, levando seus produtos e estimulando de modo dinâmico a economia.

A partir das positivas experiências dos primeiros sindicatos, o trabalho foi tomando uma proporção ainda maior, os demais municípios passaram a integrar esse movimento impulsionador de desenvolvimento local. Hoje, fazem parte do Polo da Borborema os municípios de Lagoa Seca, São Sebastião de Lagoa de Roça, Esperança, Remígio, Arara, Massaranduba, Areial, Casserengue, Algodão de Jandaíra, Solânea, Queimadas, Montadas, Matinhas e Alagoa Nova.

Esse processo foi assentado em dois eixos principais, apontados por Silveira, Freire e Diniz (2010, p. 25):

As bases desse projeto foram estabelecidas no início dos anos 2000, a partir da decisão de que o Polo formularia e implementaria uma estratégia de promoção de desenvolvimento regional assentada em um programa de formação estruturado em dois eixos: o primeiro tendo como objeto os temas relacionados à inovação agroecológica, enquanto o segundo, com foco nas políticas públicas, seria orientado para extrair ensinamentos das experiências inovadoras em curso na região para formular e defender propostas de políticas voltadas à fortalecer a autonomia técnica, a eficiência econômica e a sustentabilidade ambiental da agricultura familiar.

No decorrer do tempo e na consolidação do seu trabalho, o Polo construiu uma forte dinâmica de experimentações de inovações mediante os variados processos coletivos de aprendizagem fundamentados na reapreciação dos conhecimentos locais sobre o manejo dos agroecossistemas. Foram realizados também inúmeros diagnósticos coletivos sobre os obstáculos técnicos, econômicos e socio-organizativos, motivando um ‘amplo acervo de saberes’ que se abre para a busca de novos conhecimentos dirigidos à superação dos entraves para a produção agroecológica. No caminho dessa trajetória, vivenciou-se uma crescente expansão social e geográfica de inovações técnicas e socio-organizativas no território (Silveira; Freire; Diniz, 2010; Diniz, 2015).

O impulso aos processos inovadores locais, assim como a inter-relação entre os mesmos, ocorreu por meio de comissões temáticas do Polo, compostas por líderes referenciais engajados diretamente em atividades de experimentação agroecológica. É dever de cada comissão desenhar (planejar) e supervisionar o progresso das redes sociais responsáveis pela elaboração e propagação de conhecimentos inovadores ligados aos seus respectivos temas. A coordenação do Polo acompanha, inspeciona e projeta o composto das ações, proporcionando a manifestação pública dos resultados.

Estas comissões estão organizadas em diferentes áreas temáticas: Criação animal, Sementes, Recursos Hídricos, Saúde e Alimentação (Mulheres), Cultivos ecológicos (viveiros/agroflorestais), Mercado (comercialização) e Juventude, cada comissão dentro da sua temática embasa e constrói

redes de inovação agroecológica que articulam hoje mais de oito mil famílias agricultoras do Território da Borborema. Dentro delas estão lideranças municipais (sindicalistas), agricultores experimentadores e assessoria. Todo o planejamento e direcionamentos das ações são construídos por dentro dessas comissões.

Em relação à assistência técnica propriamente formal ela é deficiente do ponto de vista do próprio Polo, os agricultores sempre fizeram seu processo de inovação a partir da sua capacidade de ser um agricultor experimentador, a assessoria de Estado nunca chegou aos pequenos agricultores, os conflitos sempre foram muito fortes.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, INOVAÇÃO E TRANSIÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NO MUNICÍPIO DE REMÍGIO

Situado na microrregião do Curimataú Ocidental, o município de Remígio possui uma área territorial de 178,1 km², densidade demográfica de 98.77hab/ km², e sua sede fica a aproximadamente 157 km da capital paraibana, João Pessoa, e está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro (IBGE, 2017).

A caracterização agrícola no município de Remígio é bastante diversificada, compondo um campo de lavouras de mandioca, feijão, milho, banana, laranja, hortaliças, amendoim, entre outros. A atividade pecuária é caracterizada pela produção de médio porte, com ovinos, caprinos e bovinos, tendo maior destaque a comercialização de carne, leite e seus derivados.

Remígio possui 959 estabelecimentos rurais e destes 626 são de agricultores familiares. Desse total, aproximadamente mais de 200 famílias estão integradas à ação do Sindicato, junto ao Polo e à AS-PTA. Os estabelecimentos rurais variam nos tamanhos de 1,0 a 10 hectares.

A criação do Polo da Borborema se entrelaça com a história dos agricultores ecológicos do município de Remígio, isto se dá pela articulação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Remígio, Solânea e Lagoa Seca, que iniciam os trabalhos criando condições políticas e sociais para o nascimento do Polo Sindical da Borborema.

O Sindicato de Remígio nasceu de uma delegacia Sindical da cidade de Areia, Sindicato de Trabalhadores Rurais de Remígio e Areia foi criado em 1962, reconhecido em 1967 e desmembrado em 1973. Era em sua essência bastante assistencialista, funcionava mais como um ambulatório médico do que propriamente um sindicato. Em 1992, todavia, um novo modelo sindical começa a ser traçado, jovens de diferentes denominações como o MST, serviços pastorais, organizações de apoio e outras, interessados em fazer um novo modelo de sindicato que fosse comunitário como nunca teve em Remígio, usando como exemplo/sonho o de Xapuri de Chico Mendes, começaram a se engajar na luta pela reforma do modelo sindical ultrapassado que Remígio se enquadrava, estabelecendo novos moldes técnicos, organizativos e de interferência política.

O trabalho não era fácil, as comunidades não entendiam o sindicato indo até elas e resistiam muito a essa presença. Foi quando a AS-PTA começou a fazer um trabalho na região, a princípio em Remígio e Solânea, através de um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que refletiu a agricultura dentro da propriedade, buscando entender melhor a agricultura e o papel de intervenção do sindicato nas experiências, com difusão, experimentação, até em se gerar políticas públicas que pudessem ser cobradas.

O desenho da agricultura agroecológica em Remígio, hoje, traz o arredor de casa com muitas frutíferas, alguns agricultores produzem fruta para se transformar em polpa, e, também, para consumo *in natura*. Na área de roçado, encontra-se feijão preto, feijão mulatinho, feijão carioca, feijão gordo, fava, milho jaboatão, milho pontinha, milho e fava. Sobre a criação de animais, encontra-se gado de corte, de caprinos e ovinos, além de pequenas criações de galinha, de peru, entre outros.

É valioso destacar diversidade ambiental na costa leste ou costa litorânea, caracterizando uma região de brejo, uma encosta a 540 metros acima do nível do mar. Em cima do topo da serra da Borborema, temos uma transição entre Brejo e Curimataú, que é considerada agreste. Descendo a serra da Borborema, sentido norte, há uma região mais seca, limitada com o Cariri. Esta região, tem áreas de roçado bem maiores e cria mais animais, como o caprino, ovelha, gado e galinha de capoeira.

O uso da expressão agricultura agroecológica, neste artigo, refere-se às realidades ora estudadas que compõem um conjunto de práticas produtivas e relações sociais, que, de maneira inter-relacionada, constroem o desenho de uma agricultura que prioriza os valores socioambientais na produção agropecuária.

Para melhor compreensão e visibilidade, a agricultura de Remígio não está baseada somente na eliminação de agrotóxicos, adubos químicos de alta solubilidade e organismos modificados geneticamente. É um progresso e uma mudança de postura que vai muito além, porque nela são valorizados os aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos que subsidiam as práticas agroecológicas, que vai ao encontro de como Chayanov (1981) definiu agricultura camponesa.

O uso da expressão ‘agricultura agroecológica’ enraíza um caráter específico e local do trajeto de construção da agricultura agroecológica nessa realidade. O resultado dessa capacidade das ‘sementes disseminadoras’ dos pioneiros, de agir e bater de frente com as fortes tendências e conceitos dados ao desenvolvimento, sobretudo pelo viés modernizante de agricultura, foi o nascimento de uma nova proposta sociotécnica.

Isso abrange, dentre muitas coisas, a síntese do diálogo entre as ideias e os ideais somados e construídos nos mais variados espaços pelos técnicos e, também, pelos agricultores que comungam de um mesmo ideal: a busca incessante de estratégias, de conhecimentos através da prática com as

famílias agricultoras, e a soma com os parceiros que se envolvem na construção de novas alternativas sociotécnicas e produtiva, o que lhes permitem a identidade de agricultores agroecológicos/ecológicos manifestada localmente através de seus discursos.

Quando questionados, os agricultores foram consoantes em apontar a participação em cursos, visitas de intercâmbio, experimentações e outras atividades de formação enquanto fundamentais no processo de formação.

Segundo relatos dos entrevistados, a junção das vertentes que alicerçam as atividades desenvolvidas na região são baseadas, sobretudo, nas práticas sustentáveis e nas experimentações, consideradas pelos mesmos enquanto elementos técnicos indispensáveis para pensar e propor intervenções mais ecológicas nas unidades de produção familiares, proporcionando um processo de aprendizagem coletiva, motivado no reconhecimento e enaltecimento dos conhecimentos sobre os agroecossistemas locais por parte dos próprios agricultores. Apontam Silveira, Freire e Diniz (2010, p. 15):

As bases desse projeto foram estabelecidas no início dos anos 2000, a partir da decisão de que o Polo formularia e implementaria uma estratégia de promoção de desenvolvimento regional assentada em um programa de formação estruturado em dois eixos: o primeiro tendo como objeto os temas relacionados à inovação agroecológica, enquanto o segundo, com foco nas políticas públicas, seria orientado para extrair ensinamentos das experiências inovadoras em curso na região para formular e defender propostas de políticas voltadas à fortalecer a autonomia técnica, a eficiência econômica e a sustentabilidade ambiental da agricultura familiar.

Dentre as várias inovações agrícolas de base agroecológicas, ganham destaques as práticas citadas, além de técnicas utilizadas, como as que seguem adiante:

- Bancos de Sementes Comunitários

Cultivadas e guardadas historicamente, as Sementes da Paixão (assim como são chamadas as sementes crioulas na Paraíba) representam verdadeiras joias para as famílias agricultoras. Portadoras de uma carga genética riquíssima, essas sementes trazem em si a resistência, a adaptação e o patrimônio cultural de várias gerações. Articulado em forma de rede, os Bancos de Sementes Comunitários de Remígio (7) se articulam com os mais de 70 bancos no território do Polo, mobilizando famílias camponesas para o uso e a conservação das variedades locais, cultivadas em sistemas consorciados.

Considera-se que os Bancos de Sementes Comunitários são uma inovação pelo fato de que alguns agricultores já tinham a prática de armazenamento de sementes nas suas próprias casas, mas não trabalhavam coletivamente.

O Polo implementou a proposta dos Bancos Comunitários, conscientizando os agricultores a fazerem essa reserva genética, pensando não somente em si, mas no vizinho, na sua associação, na

sua comunidade, florescendo os valores da agroecologia, os princípios do trabalho em conjunto pelo objetivo em comum, na busca pelo bem para todos.

- Infraestruturas para captação e armazenamento de água

A dinâmica para construções de infraestrutura focada na captação e armazenamento de água também é uma inovação reconhecida tanto por parte dos difusores dessa agricultura agroecológica no município de Remígio, quanto pelos agricultores, já que na maioria dos domicílios rurais é possível encontrar tipos diferentes de reservatórios de água, como cisternas de placas e cisternas calçadão, o que vem garantindo uma malha hídrica representativa que gera, conseqüentemente, uma segurança tanto pessoal para uso e consumo, como na produtividade.

A Articulação do Semiárido (ASA) já colocou em prática várias tecnologias sociais, seja para o abastecimento familiar ou produção; no entanto, algumas já se transformaram em programas governamentais, como é o caso das cisternas de placa para captação de água de chuva para abastecimento humano, que suscitou nos Programas cisternas de placa, cisternas calçadão, cisternas de enxurrada e barreiro trincheira.

O Polo atua nesses programas como articulador das famílias, onde junto com AS-PTA oferece cursos de formação sobre os quintais produtivos do P1+2 em Gerenciamento da Água para a Produção de Alimentos (GAPA) e une o trabalho das comissões de Recursos Hídricos e de Saúde e Alimentação, no objetivo de aprimoramento do uso da água, organizando e fortalecendo o trabalho das mulheres agricultoras experimentadoras.

As tecnologias sociais são quem proporciona qualidade de vida às famílias, além da geração de renda no aproveitamento dessa água, para consumo das criações e aguar canteiros, sendo para as famílias um instrumento de libertação e autoafirmação.

- Rede de viveiros

O Polo da Borborema tem apoiado a criação de viveiros municipais, comunitários e familiares, uma inovação na área, que colabora para as práticas de rearboreização e restauração da paisagem nativa das propriedades, incrementando as funções das árvores nos sistemas produtivos.

As mudas desses viveiros muito têm ajudado os agricultores familiares a compreenderem os princípios da agrofloresta dentro de seus cultivos, em suas localidades.

É um trabalho que tem fortalecido com a contribuição forte da juventude, com a campanha da Infância e da Juventude, desenvolvendo atividades de coleta de sementes, produções e distribuição de mudas, aprendidas e experimentadas em oficinas e momentos de formação.

- Fundos Rotativos Solidários (FRS)

Consistem em instrumentos de soberania popular das inovações agroecológicas das famílias agricultoras. No município de Remígio existem diversos tipos de FRS, com ou sem circulação de moeda: cercas de tela, cercas de arame, campos de palma, fogões ecológicos, aquisições de

pequenos animais reforma e melhoramento de cozinhas, aquisição de fornos e máquinas (para produção de polpa e processamento de outros produtos como a mandioca) que muito tem auxiliado na produção e na comercialização de produtos nas feiras agroecológicas.

Os Fundos (reúnem recursos como mão de obra e dinheiro) Rotativos (os recursos circulam, giram entre todos os membros) Solidários (quem recebe o recurso, assume a responsabilidade de contribuir mais à frente, você não pensa só na sua necessidade, mas também no outro) são mais uma ação inovadora do Polo, voltada à diversificação e à reestruturação produtiva dos arredores das casas, proporcionando o acesso, por parte dos agricultores, a um conjunto de ferramentas que oportuniza a transição agroecológica e a sustentabilidade econômica das comunidades no protagonismo de suas realidades, gerando autonomia.

- Arredor de casa (Quintais produtivos)

São muitas as ações apoiadas pelos FRS's, os quintais produtivos são um exemplo de revitalização, isto porque é nesses espaços ao redor de casa, que, na maioria das vezes, as mulheres cultivam alimentos, plantas medicinais e criam pequenos animais para consumo da família.

O Polo tem realizado em Remígio, assim como em outros municípios, através da Comissão Saúde e Alimentação, um acentuado trabalho na regeneração desses quintais, proporcionando que o complexo familiar possa inovar seus sistemas produtivos, diversificando e gerando, assim, segurança alimentar e renda. O que antes era visto 'sem valor', passa a integrar, agora, o sistema produtivo, contribuindo de forma direta na economia, além de que, nele, são demonstrados diversos saberes e práticas, passadas de geração para geração.

Os quintais desenvolvem o importante papel na soberania e segurança alimentar da família, afirmando os princípios ecológicos, culturais, sociais e econômicos da Agroecologia. Como enfatiza Freire (2015):

A reconquista material e a ressignificação simbólica do quintal como área de propriedade e domínio da mulher; a sua reorganização produtiva; a geração de renda; a aquisição de bens – como cisternas, telas de arame ou animais – via políticas públicas ou, principalmente, pela capacidade de se auto-organizar por meio de Fundos Rotativos Solidários provocaram duas grandes mudanças de percepção fundamentais para a consolidação do trabalho. A primeira foi o reconhecimento do arredor de casa como um subsistema importante dentro do estabelecimento familiar por sua capacidade de gerar riquezas, segurança e soberania alimentar e bem-estar para a família. Em segundo lugar, à medida que as agricultoras reassumem o domínio do espaço, vão conseguindo tomar iniciativas na produção e na economia com êxito, assim como vão conquistando mais poder nas esferas pública e privada (Freire, 2015, p.23).

- Trabalho com as mulheres

As ações do Polo voltadas às mulheres permitem traçar uma nova história na construção e na difusão da agroecologia em todo o território e, de forma especial, em Remígio. Assessorado pela AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, o Polo enraizou uma rede de agricultoras

experimentadoras que têm proporcionado mudanças profundas na vida de centenas de mulheres e construído um projeto de desenvolvimento em base agroecológica para a região.

Os enfrentamentos das mulheres são não somente pelo seu lugar na produção. Além deste, a luta delas é também pelos seus espaços como sujeitos sociais e protagonistas do avançado processo de construção e desenvolvimento da agricultura agroecológica no território da Borborema. Foi a partir da criação da comissão saúde e alimentação que o trabalho com as mulheres ficou intenso:

[...] a partir daí começa o trabalho de experimentação, fizemos um seminário só com as mulheres, elas desenharam o seu arredor de casa, o que elas faziam, onde tava o trabalho delas, é tanto que no final elas diziam; - Mas rapaz, eu faço tudo isso? E eu sou tão importante assim? [...] tudo estava no arredor de casa que era trabalho delas e às vezes não era visibilizado nem pela família, nem pela comunidade, tão pouco pela sociedade, tão pouco pelo Polo naquele momento quando a gente fazia os momentos de formação [...] a partir daí que a gente foi resgatando, trazendo esse conhecimento das mulheres, elas foram trocando conhecimento, a gente foi refletindo sobre o papel das mulheres, sobre a questão da violência contra as mulheres (Entrevista nº16).

Muitos foram os desafios no início desse caminho

A gente articulava as mulheres pra vir pra assembleia, pra vir pra reunião, a gente muitas vezes mandava o convite pelo marido e ele rasgava no caminho[...] a gente foi mudando, ao invés de mandar o convite, a gente ia pra casa da mulher fazer o convite presencial, chamava ele[...] você já tá na criação animal, já tá em tal atividade e ela precisa participar e se ela ampliar a criação de galinha dela, não é pra ela, é pra família, se ela plantar mais frutas ao redor de casa não é só pra ela, é pra família, pra você e a gente foi dialogando com ele também e ele foi deixando, criando uma conscientização e quando a mulher vai pra uma reunião a primeira vez, ela não quer mais deixar de ir, isso gera um conflito dentro de casa que ao mesmo tempo é um conflito bom, porque ela tá indo acessar conhecimento e o conhecimento é uma coisa que ninguém tira da gente e agente considera esse processo com as mulheres uma novidade (Entrevista nº16).

- As Parcerias

Também é considerada uma inovação do ponto de vista das lideranças, as diversas pesquisas e colaborações que se estabeleceram mutuamente no decorrer desse progresso no território e a florescente trajetória de tantas ações realizadas influenciam de forma direta essas interações, com diferentes instituições públicas e privadas que atuam no campo do desenvolvimento rural.

[...] a gente tem algumas parcerias, eu acho que têm avançado nos últimos anos que é com as universidades, eu diria que não é com a universidade, enquanto instituição, mas é com professores/pesquisadores que estão no campo, que conseguem perceber que o projeto agroecológico é um projeto de desenvolvimento e de vida para as pessoas e pro mundo [...] pra gente também é construir uma perspectiva da relação dos saberes dos agricultores, do saber popular com o saber acadêmico, a gente acredita num princípio de que esses conhecimentos eles não subestimem o outro, mas que eles se completem, como que o conhecimento de quem tá na universidade, de quem estuda com o saber da prática, da vivência, do cotidiano das famílias agricultoras, então a gente entende que também isso é um espaço inovador de construção do conhecimento, que é construir pesquisa, aprimorar pesquisa a partir do olhar da academia e do olhar da prática, como que esses conhecimentos se juntam pra gente construir caminhos bons pra agricultura familiar (Entrevista nº17)

Outras entidades e ONGs parceiras juntam-se ao Polo nesse progressivo caminho, a Articulação do Semiárido Paraibano (ASA Paraíba), O PATAC (Programa de Aplicação de

Tecnologias Apropriadas), o CENTRAC (Centro de Ação Cultural), o CEPES (Centro de Estudos Políticos e Sociais), a CPT (Comissão Pastoral da Terra), a ASA Brasil (Articulação do Semiárido Brasileiro), INSA (Instituto Nacional do Semiárido), o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o Programa dos Territórios Rurais de Identidade (uma política de desenvolvimento territorial da Secretaria do Desenvolvimento Territorial do, num passado recente, Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA)), implementado em 2003, que também agiu como parceiro e reivindicador de políticas públicas adaptadas à região, constituindo formalmente o Território da Borborema e a própria AS-PTA, que, além de assessoria, também trabalha como parceira, entre outras.

Os diversos espaços de formação, produção, construção e experimentação também são considerados inovadores, neles, muitas experiências são trocadas, somadas e disseminadas, de forma que o agricultor seja o motor de partida para as transformações na sua vida, na da sua família e na propriedade. Citam-se: visitas de intercâmbio (de cunho nacional); oficinas de formação (momentos em que as famílias recebem informações sobre determinada inovação, por exemplo, produção de biofertilizantes); participação nas feiras agroecológicas também compõem uma estratégia inovadora proposta pelo Polo, já que nelas não acontecem apenas a comercialização dos produtos, configurando-se como um espaço no qual os agricultores trocam saberes e práticas (na região do Polo, hoje, existe uma rede de 12 feiras agroecológicas, coordenadas pela associação EcoBorborema). Na fala dos entrevistados, apresentam-se destacadamente a autonomia dos agricultores e a distribuição de poder de forma horizontal e não vertical:

[...] tirar os sindicatos de detrás do birô pra entender que a sua missão não é fazer burocracia, a missão do sindicalismo é de construir e fazer a luta política, o papel dos sindicatos é de fazer a organização do povo trabalhador [...] acho que pode até fazer a busca pelos direitos previdenciários e tudo mais porque a gente conseguiu isso pela lei, mas não é o único papel do sindicato fazer aposentadoria e salário maternidade, viver disso [...] o nome sindicato quer dizer “gritar juntos”[...] (Entrevista nº 17).

A rede de agricultores experimentadores e agricultoras experimentadoras (monitores, multiplicadores) vem cada dia mais crescendo e se fortalecendo como uma inovação metodológica introduzida nas ações do Polo:

[...] olhar essa gente como gente capaz, como gente que pensa, que sabe e que na medida que a gente dá oportunidade de conhecimento, de construir suas relações não individuais, mas coletivas, eles são capazes de construir um novo projeto de território pra suas famílias, pra suas comunidades, pra suas entidades[...] favorecer a autonomia das famílias deles poderem ser independente e não viver a miséria do que se viveu no passado[...] construir essas autonomias dessas famílias na busca de autoestima, de elevação de um povo que sempre foi colocado a margem pelas políticas públicas de estado, pelos governantes[...] (Entrevista nº 17).

Através dos fundos rotativos solidários e dos projetos parceiros de incentivo ao trabalho com os jovens, eles constroem um caminho com execução de atividades práticas, gerenciando os fundos

e despertando as potencialidades e expectativas individuais e coletivas do grupo (tem hoje jovens apicultores, criadores de animais, fornecedores de produtos para a feira agroecológica, mobilizadores políticos, entre outros).

Além de todas as inovações reconhecidas tanto pelos agricultores, como pelos técnicos/lideranças/integrantes do Polo da Borborema em Remígio e em toda a região que atende, foi unânime a percepção da nova consciência e de toda a sistemática que hoje mobiliza e transforma a vida de tantas pessoas. Mudança e adaptação em técnicas de uso e conservação dos recursos também somam essas ações inovadoras. A leitura da realidade local abrange um imenso acúmulo de saberes somados à busca por novos conhecimentos e experiências, renovando cada dia os mecanismos de inovação conduzidos à superação das adversidades econômicas, técnicas, e socio-organizativas, vivenciadas pela agricultura familiar da região.

Outro papel inovador é de reconhecer o papel das famílias agricultoras, não como aqueles coitadinhos que não pensam que tão à espera de um salvador pra eles, mas o papel inovador dos agricultores se autoafirmarem, “eu sou um agricultor, eu sou uma agricultor experimentador”, isso pra gente já é um fruto que a gente não contabiliza do ponto de vista da autoestima desse povo, fortalecer a identidade da agricultura agroecológica camponesa que eles não tinham, eles eram, mas eles não tinham a sua identidade revelada porque sempre foram vistos como pessoas incapazes de pensar, de construir sua história[...] (Entrevista nº 17).

Além de todas as experiências descritas do ponto de vista da viabilização de todas essas ações, outros caracteres são lidos como inovadores:

Como inovação eu diria que a gente entender que o projeto da agroecologia ele serve para a humanidade, porque quando a gente começou as experiências iniciais às vezes escutava: - Ah, essas experiências em agroecologia é uma aqui outra acolá, não vai muito longe, demora demais a se multiplicar, a gente escutava muito isso em 93, quando a gente começou, hoje a gente consegue ver uma rede de 14 municípios, a gente hoje tem na nossa base de atuação com os vários temas todos em torno de 8 mil famílias que a gente atende, isso é inovador do ponto de vista da gente descentralizar, os agricultores tem autonomia pra ir numa outra família fazer uma oficina e trocar conhecimento, descentralizar esse poder na mão dos agricultores e das organizações pra gente é um processo inovador, porque o movimento sindical no Brasil, ele vive muito de discurso, mas de muito pouca prática, isso era o desafio de outras experiências com o movimento sindical no Brasil[...] os sindicatos passaram a assumir outro papel na sua história nessa região, porque os sindicatos eram burocráticos, centralizadores de poder, só vivia pra burocracia e pro discurso e quando ia pra uma reunião do conselho num município falava das teorias e não das práticas então hoje quando a agente vai pra um espaço de debate de política pública seja no conselho da agricultura, seja em outro espaço, olha a gente tem experiência aqui, aqui e aqui, tem agricultores fazendo, tá dando certo[...] (Entrevista nº 17).

O melhoramento do esterco a partir das esterqueiras (que antes era desperdiçado), a máquina selecionadora de sementes, os testes de transgenia realizados nos milhos da região e, ainda em fase de teste, a máquina para fazer o ‘cuscuz da paixão’ com as sementes locais também foram citadas como inovações.

A vida e a trajetória dos agricultores ecológicos/agroecológicos de Remígio e em todo o raio de atuação do Polo descreve claramente duas histórias completamente diferentes, o passado

enraizado numa agricultura ‘sofrida’, heterogênea, sem expectativas de melhorias e retorno, e a de hoje, atual, que é um grito de ‘libertação’, de assinatura e emancipação de suas histórias e de seus avanços positivos. Mas, ainda há muito para ser feito e estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As variadas redes e ações proporcionadas pelo Polo da Borborema confirmam a existência de atividades de produção e de intercâmbio de conhecimentos entre produtores de observação mútua e de diálogo político, técnico e social com algumas variantes de uma região à outra.

Baseada na relação de reciprocidade, reconhecendo a produção de conhecimento como resultado da prática, enaltece-se, aqui, ainda mais o papel das inovações produzidas e distribuídas de maneira horizontal, o que não negligencia as tecnologias produzidas externamente, e suas respectivas aplicações.

As relações comuns e coletivamente expressas nas comunidades, embora já descritas, são geradoras de inovação socioativas do Polo, das parcerias, mas, acima de tudo, dos agricultores e prescrevem as mais diversas conexões em redes de ajuda mútua, onde a vida e o desenvolvimento da agricultura agroecológica são comunitárias. Como sujeitos ativos e precursores de todo esse processo, utilizando como fonte inicial o saber popular e poder de troca de conhecimentos (socialização), a aprendizagem em agricultura ecológica/agroecológica se permite muito mais forte pelo conhecimento acumulado em todo esse percurso histórico.

O processo de desenvolvimento local é contínuo, as lutas são diárias, a produção de conhecimento, inovação e aprendizagem da agricultura familiar é um processo que se atualiza dia a dia. O Polo tem contribuído para a autonomia e a reafirmação da identidade dos agricultores que sempre estiveram à margem da sociedade. Dentro desse modelo de agricultura familiar é de extrema importância promover a organização social como base para a construção de um processo de desenvolvimento sustentável, de forma que venha incluir o pequeno produtor no mundo globalizado e competitivo. Esta cooperação divide responsabilidades, supera medos, inseguranças e fraquezas ao mesmo tempo em que potencializa a força de trabalho, as virtudes e as habilidades.

REFERÊNCIAS

- BRUNORI, G. et al. *Towards a conceptual framework for agricultural and rural innovation policies*. Clermont-Ferrand: Projeto Insight, 2008.
- CHAYANOV, A. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas (1924). In: SILVA, J. G. da; STOLCKE, V. (Org.). *A Questão Agrária*. Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chayanov, Stalin. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, A. G. Pela vida das mulheres e pela Agroecologia: Agricultoras da Borborema reescrevem suas histórias. In: *Revistas Agriculturas – Experiências em Agroecologia*, v. 12, n. 4, p. 4-14, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, D. *Produção de conhecimentos e inovações na transição agroecológica: o caso da agricultura ecológica de Ipê e Antônio Prado/RS*. UFRGS. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural I, Porto Alegre, 2014.

PLOEG, J. D. V. D. *Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

SILVEIRA, L. M; FREIRE, A. G; DINIZ, P. C. O; Polo da Borborema: ator contemporâneo das lutas camponesas pelo território. *Revistas Agriculturas*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 13-19, 2010.

SILVEIRA, S. M. P. A importância das inovações sociotécnicas para o fortalecimento da agricultura familiar de base ecológica In: *Redes de agroecologia: uma inovação estratégica para o desenvolvimento territorial sustentável. Estudo de caso de dois grupos do Núcleo Litoral Catarinense da Rede Ecovida de Agroecologia no período de 2002 a 2012*. 2013. 482 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2013.